

John le Carré
◊◊
O ESPIÃO
QUE SAIU DO FRIO

Romance

Tradução de
J. Teixeira de Aguiar

4.^a edição



D. QUIXOTE

CINQUENTA ANOS DEPOIS

Escrevi *O Espião Que Saiu do Frio* aos trinta anos de idade, debaixo de grande tensão, não compartilhada, e na maior das discrições. Como funcionário de informações sob a capa de diplomata subalterno da embaixada britânica em Bona, eu era um segredo para os meus colegas e a maior parte das vezes para mim próprio. Tinha já escrito um par de romances, necessariamente sob pseudónimo, e o serviço para o qual trabalhava dera-lhes o seu beneplácito antes de serem publicados. Após longa ponderação, deu também a sua aquiescência a *O Espião Que Saiu do Frio*. Ainda hoje não sei o que teria feito se não a tivesse dado.

Dá-se o caso de, ao que parece, terem concluído, correctamente embora com relutância, que o livro era pura ficção do princípio ao fim e não se inspirava na minha experiência pessoal, e, assim sendo, não constituía nenhuma quebra de segurança. Não foi essa, porém, a opinião da imprensa mundial, que unanimemente deliberou que o livro era, para além de simplesmente autêntico, como que uma espécie de reveladora Mensagem do Outro Lado, não me deixando outra alternativa que não fosse ficar mudo e quedo, enquanto, um após outro, os entendidos o proclamavam genuíno.

E ao meu pasmo acrescente-se, com o andar dos tempos, uma espécie de raiva impotente.

Raiva porque desde o dia em que o meu romance foi publicado me apercebi de que a partir de então, e para todo o sempre, passaria

a ser rotulado como o espião que se tornara escritor, em lugar de um escritor que, como muitos da sua laia, tinha feito uma perna no mundo da espionagem e escrevera sobre ele.

Mas os jornalistas da época não queriam saber disso para nada. Eu era o espião britânico que saíra da toca e revelara como as coisas realmente eram, e tudo o que eu dissesse em contrário apenas reforçava o mito. Acresce que, escrevendo eu para um público viciado em Bond e morto por encontrar um antídoto, o mito pegou. Entretanto, eu era objecto do género de atenção com que os escritores sonham. O meu único problema era que não acreditava na minha própria publicidade. Não gostava dela, muito embora a aceitasse, e não havia, no sentido mais literal, nada que eu pudesse dizer para fazer calar a propaganda, mesmo que o quisesse. E não sei bem se queria.

Nos anos sessenta – e até aos dias de hoje – a identidade de um elemento dos Serviços Secretos britânicos era e é, muito justamente, segredo de Estado. Divulgá-la é crime. Os Serviços podem deixar escapar um nome quando lhes apeteça. Podem expor um ou dois barões das Informações para nos permitir um vislumbre da sua omnisciência e – imagine-se – abertura. Mas aí do antigo membro que cometa uma indiscrição!

Aliás, seja como for, eu tinha as minhas próprias inibições. Não me assistiam razões de queixa dos meus ex-patrões, bem pelo contrário. Quando me apresentei perante a imprensa em Nova Iorque, alguns meses depois de o romance ter ganhado nomeada nos Estados Unidos, proclamei diligente embora nervosamente os meus desmentidos: não, não, nunca tinha estado no ramo da espionagem; não, era apenas um sonho mau – coisa que evidentemente era.

O paradoxo recrudesciu quando um jornalista americano com ligações me disse à boca pequena que o chefe reinante do meu serviço tinha informado o director da CIA de que eu fora seu funcionário, e que *ele* não o contara a ninguém a não ser ao seu muito dilatado séquito de melhores amigos, e que toda a gente que era alguém naquela sala sabia que eu estava a mentir.

Todas as entrevistas que enfrentei nos cinquenta anos decorridos desde essa data se diriam concebidas para descobrir uma

verdade que não existe, e talvez essa seja uma das razões pelas quais me tornei alérgico ao processo.

O Espião Que Saiu do Frio foi obra de uma imaginação fantasista levada ao limite extremo pela repugnância política e pela confusão pessoal. Cinquenta anos volvidos, não associo o livro a nada que alguma vez me tenha acontecido, excepto um encontro mudo no aeroporto de Londres em que um fatigado homem de meia-idade e aspecto militar, envergando uma gabardina com nódoas, espetou no balcão do bar um punhado de trocos em moeda estrangeira sortida e, com um áspero sotaque irlandês, pediu todo o uísque para que aquele dinheiro desse. Nesse momento nasceu Alec Leamas. Pelo menos é o que me diz a minha memória, nem sempre uma informadora de confiança.

Hoje penso que o romance foi uma explosão interna não muito bem disfarçada, após a qual a minha vida nunca mais voltaria a ser a mesma. Não foi a primeira dessas explosões, nem a última. E é verdade, é verdade, na altura em que o escrevi estava há uma década envolvido em trabalho secreto esporádico; uma década ainda mais formativa porque eu tinha a culpa hereditária de ser novo de mais para combater na Segunda Guerra Mundial e – o que é mais importante – de ser filho de uma pessoa que enriquecera ilicitamente com a guerra, outro segredo que eu sentia ter de guardar até à sua morte.

Nunca fui, porém, um cérebro, nem um cerebelo, e muito antes de entrar sequer no mundo secreto tinha um instinto para a ficção que fazia de mim um dúbio coleccionador de factos. Nunca corri perigo no meu trabalho secreto; frequentemente ele aborrecia-me de morte. Se as coisas se tivessem passado de outra maneira, os meus patrões não me teriam autorizado a publicar o meu romance, ainda que mais tarde o lamentassem amargamente; mas isso deveu-se ao facto de terem chegado à conclusão de que eu estava a ser levado demasiadamente a sério por demasiadas pessoas; e porque se entendia que qualquer sugestão de que os Serviços Secretos britânicos seriam capazes de traír um dos seus era um aviltamento dos

seus princípios éticos, mau para o recrutamento e por consequência Mau para a Grã-Bretanha, uma imputação para a qual não há resposta eficaz.

A prova de que o romance *não* era «autêntico» – quantas vezes terei de repeti-lo? – fora dada pelo facto de ser publicado. De facto, um antigo chefe de departamento ao serviço do qual eu tinha estado declarou mais tarde publicamente que a minha contribuição era insignificante, no que acredito piamente. Outro descreveu o romance como «o único raio de operação de agente duplo que alguma vez surtiu efeito» — o que não é verdade, mas tem graça. O problema é que quando os espões profissionais se esforçam denodadamente por proferir uma afirmação definitiva sobre um dos seus, o público tende a acreditar no contrário, o que nos leva todos à estaca zero, incluindo a minha pessoa.

Aliás, se os espões não me tivessem apanhado naquela idade, outra instituição igualmente desditosa o teria feito, e ao cabo de um par de anos eu estaria a procurar esgueirar-me dela.

Qual é afinal o remoto pano de fundo do romance? As visões, cheiros e vozes que, quinze anos após o fim da guerra, continuavam a infestar todos os recantos da Alemanha dividida? A Berlim na qual Leamas tinha a sua existência era um paradigma da insensatez humana e do paradoxo histórico. No princípio dos anos sessenta eu tinha-a observado sobretudo do espaço confinado da embaixada britânica em Bona, e só ocasionalmente em estado bruto. Vi, contudo, a progressão do Muro, do arame farpado até aos blocos de betão; vi os baluartes da Guerra Fria serem erguidos sobre as cinzas ainda tépidas da guerra quente. E não tive qualquer noção da transição de uma guerra para a outra, porque no mundo secreto ela praticamente não existiu. Para os partidários da linha dura de Leste e do Ocidente a Segunda Guerra Mundial foi uma distração. Agora que ela terminara, podiam continuar a verdadeira guerra, que principiara com a Revolução Bolchevique, em 1917, e desde então tinha vindo a prosseguir sob diferentes bandeiras e disfarces.

Não admira, pois, que Alec Leamas tenha dado por si a conviver com alguns colegas bastante suspeitos nas fileiras dos Serviços de Informações ocidentais. Ex-nazis com qualificações atraentes não eram simplesmente tolerados pelos Aliados: eram positivamente apapricados pelas suas credenciais anticomunistas. Quem foi a primeira escolha da América para chefiar o embrionário Serviço de Informações da Alemanha Ocidental? O general Reinhard Gehlen, antigo chefe dos Exércitos Estrangeiros do Leste (teatro de operações russo), onde adquirira o monopólio do conhecimento da ordem de batalha soviética. Antevendo a derrota alemã, o general reuniu os seus ficheiros e o seu pessoal, e na primeira oportunidade entregou-os aos americanos, que os aceitaram de braços abertos. Uma vez recrutado, Gehlen deixou prudentemente cair o «general» e passou a ser *Herr Doktor*.

Mas onde guardar este precioso activo e as suas jóias da coroa? Os americanos decidiram instalar Gehlen e os seus homens na acolhedora aldeia bávara de Pullach, a treze quilómetros de Munique, e mesmo a calhar para quartel-general dos seus Serviços de Informações.

E que elegante propriedade, então vaga, escolheram para *Herr Doktor*? Martin Bormann era o confidente em que Hitler depositava maior confiança, e o seu secretário pessoal. Quando o Führer se instalou no seu Ninho da Águia, ao cimo da estrada, os seus amigalhões apressaram-se a estabelecer residência nas proximidades. Gehlen e os seus homens estavam alojados na vivenda de Martin Bormann, agora objecto de uma ordem de preservação emitida pelo governo bávaro. Poucos anos antes, em circunstâncias de extraordinária cortesia, uma das últimas luminárias do Bundesnachrichtendienst facultou-me uma visita guiada. Recomendo a mobília dos anos trinta da sala de reuniões e as estátuas Jugendstil dos jardins das traseiras. A principal atracção, porém, há-de ser por certo a grande e obscura escadaria que dá acesso à cave e o *bunker* integralmente mobilado, absolutamente idêntico ao do Führer, mas mais pequeno.

Alec Leamas seria visita frequente de Pullach? Não tinha outro remédio. Poucas operações secretas realizadas na Alemanha de

Leste podiam realizar-se sem a conivência do BND. E dar-se-á o caso de Leamas, nas suas visitas regulares, se ter porventura cruzado com o prezado chefe da contra-informação de *Herr Doktor*, Heinz Felfe, ex-SS e Sicherheitsdienst? Assim deve ter acontecido. Felfe era um operacional lendário. Não tinha ele desmascarado sozinho uma série de espões soviéticos?

Claro que tinha, e não era de admirar. Ao ser ele próprio finalmente desmascarado, foi-lhe aplicada uma pena de catorze anos por espiar a favor de Moscovo, apenas para ser trocado por uma infeliz mão-cheia de alemães ocidentais ali detidos.

Teria Leamas acesso ao ultra-secreto «material especial» obtido pela Operação GOLD, o dispendiosíssimo túnel áudio anglo-americano que interceptava os telegramas russos uns metros abaixo da superfície de uma estrada do Sector Oriental de Berlim? Antes de a primeira pá se cravar no solo, a Operação GOLD tinha sido globalmente denunciada por um agente soviético chamado George Blake, o heróico ex-prisioneiro da Coreia do Norte e orgulho dos Serviços Secretos britânicos.

Não obstante, ainda hoje muitos do arquitectos da Operação GOLD querem fazer-nos crer que aquela não foi meramente um triunfo da engenharia, mas também um golpe de informações, sob o contestável pretexto de que os russos estavam tão relutantes em denunciar o seu agente que deixaram as comunicações fluir como habitualmente.

Transportemo-nos para um par de anos mais tarde: Kim Philby, que chegara a estar na calha para chefe, foi também desmascarado como agente de Moscovo. Não admira que o pobre Leamas precisasse daquele uísque bem servido no aeroporto de Londres. Os Serviços que contavam com a sua inquebrantável lealdade encontravam-se num estado de podridão colectiva de que levariam mais uma geração a recuperar. Sabê-lo-ia ele? Julgo que no fundo o sabia.

E julgo que também eu devia sabê-lo, caso contrário não teria escrito *A Toupeira* passados alguns anos.

O mérito do romance, por conseguinte – ou o seu crime, conforme o ponto de vista –, não era o facto de ser autêntico, mas sim o de ser credível. O sonho mau era afinal um sonho que uma porção de gente deste mundo partilhava, visto que colocava a mesma velha pergunta que hoje fazemos a nós próprios, cinquenta anos decorridos: até onde podemos ir na justa defesa dos nossos valores ocidentais, sem os abandonarmos pelo caminho? O meu fictício chefe dos Serviços britânicos – ao qual dei o nome de Controlo – não tinha dúvidas sobre a resposta:

«Quero eu dizer, não podemos ser menos impiedosos do que a oposição pelo simples facto de a política do nosso governo ser benevolente, pois não?»

Hoje, pode ouvir-se o mesmo homem, com melhor denteição e cabelo, e envergando um fato muito mais elegante, a explicar a catastrófica e ilegal guerra do Iraque, ou a justificar as técnicas de tortura medievais como meios preferenciais de interrogatório no século XXI, ou a defender o direito inalienável dos psicopatas furtivos ao porte de armas semiautomáticas e o emprego de *drones* não tripulados como método isento de riscos de assassinar os presumíveis inimigos e quem quer que tenha o azar de estar perto deles. Ou, como leal servidor da sua empresa, assegurar-nos de que fumar é inofensivo para a saúde do Terceiro Mundo e que os grandes bancos estão lá para servir o público.

Que aprendi eu nos últimos cinquenta anos? Pensando bem, pouca coisa. Apenas que a moral do mundo secreto é muito parecida com a nossa.

JOHN LE CARRÉ, 2013



O ESPIÃO
QUE SAIU DO FRIO



Capítulo Um POSTO DE CONTROLO

O AMERICANO estendeu outra chávena de café a Leamas e interpelou-o:

– E que tal ir-se embora e deitar-se? Se ele aparecer, podemos telefonar-lhe.

Leamas não disse nada; ficou a olhar para a rua deserta pela janela do posto de controlo.

– Não pode esperar eternamente, senhor. Talvez ele venha noutra altura. Podemos pedir à Polizei que contacte a Agência; em vinte minutos pode pôr-se novamente aqui.

– Não – contrapôs Leamas –, já é quase noite.

– Mas não pode esperar eternamente; ele já leva nove horas de atraso.

– Se quiser ir embora, vá. Foi muito prestável – acrescentou Leamas. – Hei-de dizer ao Kramer que você foi muitíssimo prestável.

– Mas durante quanto tempo vai esperar?

– Até ele chegar. – Leamas caminhou até à janela de observação e postou-se entre os dois polícias imóveis. Tinham os binóculos assestados sobre o posto de controlo do lado oriental. – Está à espera do anoitecer – murmurou. – Eu sei.

– Hoje de manhã disse que ele atravessaria com os operários. Leamas virou-se para ele.

– Os agentes não são propriamente aviões. Não têm horários. Ele foi descoberto, pôs-se em fuga e está assustado. O Mundt anda atrás

dele, neste preciso momento. Ele só tem uma hipótese. Deixemo-lo escolher a ocasião.

O mais novo dos homens hesitou, com vontade de se ir embora mas sem encontrar o momento certo.

Soou uma campainha dentro da cabana. Ficaram à espera, subitamente alerta. Um polícia anunciou em alemão:

– Opel Rekord preto, matrícula federal.

– Ao lusco-fusco, é impossível ele ver tão longe; está a deitar-se a adivinhar – segredou o americano, após o que acrescentou: – Como foi que o Mundt soube?

– Cale a boca! – ripostou Leamas, da janela.

Um dos polícias saiu da cabana e caminhou até à plataforma de sacos de areia que ficava a sessenta centímetros da divisória branca traçada na rua como a linha de fundo de um campo de ténis. O outro aguardou até o companheiro estar agachado na plataforma atrás do telescópio, para a seguir poisar os binóculos, tirar o capacete preto do cabide junto à porta e colocá-lo cuidadosamente na cabeça. Algures muito acima do posto de controlo as luzes de arco voltaico acenderam-se, fazendo incidir focos de projector de teatro sobre a rua que tinham pela frente.

O polícia principiou a fazer o relato. Leamas conhecia-o de cor.

– O carro pára no primeiro controlo. Um único ocupante, uma mulher. Escoltada até à cabana dos Vopos para verificação dos documentos.

Esperaram em silêncio.

– Que está ele a dizer? – perguntou o americano.

Leamas não respondeu. Pegando nuns binóculos de reserva, olhou fixamente na direcção dos postos de controlo da Alemanha Oriental.

– Verificação dos documentos terminada. Autorizada a seguir até ao segundo controlo.

– É o seu homem, Mr. Leamas? – insistiu o americano. – Tenho de ligar para a Agência.

– Espere.

– Onde está agora o carro? Que está a fazer?

– Verificação de divisas, alfândega – respondeu asperamente Leamas.

Leamas observou o carro. Havia dois Vopos junto da porta do condutor, um a fazer as despesas da conversa e o outro mais afastado, à espera. Um terceiro deambulava à volta do carro. Parou ao pé do porta-bagagem, posto o que regressou para junto do condutor. Queria a chave. Abriu o porta-bagagem, olhou lá para dentro, fechou-o, devolveu a chave e percorreu os trinta metros de rua que o separavam do local onde, a meio caminho entre os dois postos de controlo fronteiros um ao outro, estava postada uma solitária sentinela da Alemanha Oriental, uma silhueta atarracada, de botas e calças largueironas. Ficaram os dois a conversar, constrangidos sob o clarão da luz de arco voltaico.

Com um gesto negligente, fizeram sinal ao carro para avançar. O automóvel seguiu até junto das duas sentinelas posicionadas no meio da rua e voltou a parar. Os guardas contornaram o carro, afastaram-se e tornaram a falar; finalmente, quase a contragosto, deixaram-no prosseguir para atravessar a linha até ao sector ocidental.

– É dum homem que está à espera, Mr. Leamas? – perguntou o americano.

– É dum homem, sim.

Levando a gola do casaco, Leamas arrostou com o gélido vento de Outubro. Nessa altura lembrou-se da multidão. Era uma coisa de que a pessoa, dentro da cabana, se esquecia: aquele grupo de rostos intrigados. As pessoas mudavam, mas as expressões eram sempre as mesmas. Eram como a multidão impotente que se junta à volta de um acidente de trânsito, em que ninguém sabe como aquilo aconteceu, nem se deve ou não deslocar o corpo. No meio do feixe das lâmpadas de arco voltaico levantava-se fumo ou poeira, que formava um permanente sudário a ondular entre os limites da luz.

Leamas avançou até ao carro e perguntou à mulher:

– Onde está ele?

– Foram à procura dele e ele fugiu. Levou a bicicleta. Eles não podiam saber de mim.

– Para onde foi ele?

– Tínhamos um quarto perto de Brandeburgo, por cima de um bar. Ele guardava lá algumas coisas: dinheiro, papéis. Penso que deve ter ido para lá. Depois há-de passar para este lado.

– Esta noite?

– Ele disse que viria esta noite. Os outros foram todos apanhados: o Paul, o Viereck, o Ländser e o Salomon. Não tem muito tempo. Leamas ficou a olhar para ela durante um pedaço, em silêncio.

– O Ländser também?

– Ontem à noite.

Havia um polícia de pé ao lado de Leamas.

– Têm de se afastar daqui – disse ele. – É proibido obstruir o ponto de passagem.

Leamas virou-se parcialmente.

– Vá para o diabo! – exclamou asperamente.

O alemão empertigou-se, mas a mulher disse:

– Meta-se no carro. Vamos até à esquina.

Ele entrou para o assento ao lado dela e desceram lentamente a rua até uma bifurcação secundária.

– Não sabia que tinha automóvel – disse ele.

– É do meu marido – respondeu ela com indiferença. – O Karl nunca lhe disse que era casado, pois não? – Leamas manteve-se calado. – O meu marido e eu trabalhamos numa empresa de instrumentos de óptica. Eles deixavam-nos passar para fazermos os nossos negócios. O Karl só lhe disse o meu nome de solteira. Não queria que eu me envolvesse com... convosco.

Leamas tirou uma chave do bolso.

– Há-de precisar de um sítio onde ficar – disse. A sua voz assumira um tom neutro. – Há um apartamento na Albrecht-Dürer-Strasse, ao pé do Museu. Número 28-A. Encontrará lá tudo o que é preciso. Eu telefono-lhe quando ele chegar.

– Fico aqui consigo.

– Eu não vou ficar aqui. Vá para o apartamento. Eu ligo-lhe. Não vale a pena ficarmos aqui à espera.

– Mas ele vem para este ponto de passagem.

Leamas olhou para ela, surpreso.

– Ele disse-lhe isso?

– Disse. Ele conhece um dos Vopos daqui, o filho do senhorio. Pode ser que ajude. Foi por isso que optámos por esta via.

– E ele disse-lhe isso *a si*?

– Ele confia em mim. Contou-me tudo.

– Valha-me Deus!

Deu-lhe a chave e regressou à cabana do posto de controlo, refugiando-se do frio. Quando entrou, os polícias estavam a murmurar entre si; o mais corpulento virou ostensivamente as costas.

– Desculpe – disse Leamas. – Desculpe ter sido ríspido consigo.

Abriu uma pasta estafada e remexeu nela até descobrir aquilo que procurava: meia garrafa de *whisky* escocês. Com um aceno de cabeça, o mais velho dos dois aceitou-a, vertendo-o em cada uma das canecas até meio e acabando de enchê-las com café.

– Para onde foi o americano? – perguntou Leamas.

– Quem?

– O rapaz da CIA. Aquele que estava comigo.

– Horas da caminha – disse o mais velho dos dois, e todos se riram.

Leamas poisou a caneca e perguntou:

– Quais são as vossas instruções relativamente a fazer fogo para proteger um homem que passe para o lado de cá? Um fugitivo?

– Só podemos fazer fogo de cobertura se os Vopos fizerem fogo sobre o nosso sector.

– Isso quer dizer que não podem disparar enquanto o homem não passar a linha divisória?

O mais velho dos dois disse:

– Não podemos fazer fogo de cobertura, Mr...

– Thomas – redarguiu Leamas. – Thomas.

Apertaram as mãos e os dois polícias declinaram os respectivos nomes ao fazê-lo.

– Não podemos fazer fogo de cobertura. É verdade. Dizem que se o fizéssemos rebentaria uma guerra.

– Tretas! – tornou o polícia mais novo, animado pelo *whisky*. – Se os Aliados aqui não estivessem, o Muro já teria desaparecido.

– E Berlim também – murmurou o mais velho.

– Há um homem que vai atravessar esta noite – declarou abruptamente Leamas.

– Aqui? Neste ponto de passagem?

– É muito importante tirá-lo de lá. Os homens do Mundt andam atrás dele.

– Ainda há sítios onde se pode escalar o Muro – alvitrou o polícia mais novo.

– Ele não é desses. Ele há-de passar usando algum subterfúgio; tem documentos, se é que ainda são válidos. Tem uma bicicleta.

Havia apenas uma luz no posto de controlo, um candeeiro de leitura com um quebra-luz verde, mas o clarão das lâmpadas de arco voltaico invadia a cabina como se fosse um luar artificial. Caíra a escuridão, e com ela o silêncio. Falavam como se tivessem medo de ser ouvidos. Leamas dirigiu-se à janela e aguardou; diante de si tinha a estrada e de um e outro lado o Muro, uma coisa suja e feia, feita de blocos de tijolos de carvão e fiadas de arame farpado, iluminada por uma luz amarela ordinária, como o pano de fundo de um campo de concentração. Para leste e oeste do Muro ficava a parte de Berlim por restaurar, um meio mundo de ruínas, desenhado a duas dimensões, de escombros da guerra.

«Aquela malfadada mulher!», pensou Leamas, «e aquele tonto do Karl, que mentiu acerca dela. Mentiu por omissão, como fazem todos os agentes do mundo inteiro. Ensinamo-los a intrujar, a disfarçarem o rasto, e eles intrujam-nos também a nós.» Ele só a mostrara uma vez, a seguir àquele jantar na Schürzstrasse, no ano anterior. Karl acabava de conseguir a sua grande proeza e o Controlo quisera conhecê-lo. O Controlo aparecia sempre que havia algum êxito. Tinham jantado juntos: Leamas, o Controlo e Karl. Karl adorava essas coisas. Aparecera como um menino da catequese, todo escarolado, desbarretando-se, todo respeitoso. O Controlo apertara-lhe a mão durante cinco minutos e dissera:

– Quero que saiba que estamos muito satisfeitos, Karl, muitíssimo satisfeitos.

Leamas observara e tinha pensado: «Isto vai-nos custar mais duzentos dele por ano.» Terminado o jantar, o Controlo voltara a apertar-lhes a mão, acenara expressivamente com a cabeça e, dando a entender que tinha de se ir embora para arriscar a vida noutra sítio, voltara a instalar-se no seu carro conduzido por um motorista. Nessa altura Karl rira-se, Leamas fizera coro com ele e acabaram o champanhe, continuando a rir-se do Controlo. A seguir tinham ido até ao «Alter Fass», por insistência de Karl, onde os aguardava Elvira, uma coriácea quarentona loira.

– Este é o meu segredo mais bem guardado, Alec – dissera Karl, e Leamas ficara furioso. A seguir tinham tido uma discussão.

– O que é que ela sabe? Quem é ela? Como foi que a conheceu?

Karl amuara e recusara-se a responder. Depois disso as coisas começaram a correr mal. Leamas tentou alterar a rotina, mudar os locais de encontro e as palavras-chave, mas Karl não gostou. Sabia o que estava por detrás daquilo e não lhe agradava.

– Se não confia nela, é tarde de mais, seja como for – dissera ele; Leamas percebera a indirecta e calara-se. Porém, a seguir àquilo passara a usar de cautela e a contar muito menos coisas a Karl, a utilizar muito mais as técnicas de prestidigitação da espionagem. E ei-la, no seu carro, conhecedora de tudo, de toda a rede, da casa segura, de tudo! Leamas jurou, e já não era a primeira vez, que nunca mais voltaria a confiar num agente.

Dirigiu-se ao telefone e marcou o número do seu apartamento. Foi Frau Martha que atendeu.

– Temos hóspedes para a Dürer-Strasse – disse Leamas –, um homem e uma mulher.

– Casados? – perguntou Martha.

– Quase – respondeu Leamas, e ela soltou aquele riso medonho. Quando poisou o auscultador, um dos polícias voltou-se para ele.

– Herr Thomas! Depressa!

Leamas dirigiu-se à janela de observação.

– Um homem, Herr Thomas – sussurrou o polícia mais jovem –, com uma bicicleta.

Leamas pegou nos binóculos.